

NARRATIVAS GRÁFICAS E MORAL: O QUE OS SUPER-HERÓIS DE STAN LEE PODEM NOS ENSINAR SOBRE ÉTICA

GRAPHIC NARRATIVES AND MORAL: WHAT STAN LEE'S SUPERHEROES CAN TEACH US ABOUT ETHICS

DOI: 10.19177/memorare.v7e1202066-80

Marciel Aparecido Consani¹
Natalia Rosa Muniz Sierpinski²
Adriano Augusto Vieira Leonel³

Resumo: Stan Lee é um dos nomes mais conhecidos dos quadrinhos e um dos responsáveis pelo resgate do gênero super-heróico. As narrativas sequenciais já deixaram de ser mero entretenimento, transformando-se em criações de grande impacto na cultura popular. Cultivamos um interesse particular pelos aspectos éticos implicados nas HQs, dado o seu alcance e influência junto aos leitores mais jovens. Nossa proposta de análise consiste em examinar três momentos diferentes nas histórias produzidas (ou recriadas) por Lee, ressaltando seus desdobramentos morais. Trataremos dos personagens Capitão América, Homem-Aranha e Surfista Prateado. A discussão partirá da Teoria do Desenvolvimento Moral de Kohlberg e, para a análise dos personagens mencionados, reforçaremos nosso quadro conceitual com uma abordagem ontológica do Maniqueísmo e sua crítica agostiniana seguida dos conceitos-chave do Imperativo Categórico de Kant e do Princípio Responsabilidade de Jonas. Como resultado, esperamos consolidar o conceito de Narrativa Moral e defender o potencial das HQs para alimentar debates e análises no eixo transversal da Ética.

Palavras-chave: Narrativa. Ética. Super-heróis.

Abstract: Stan Lee is one of the best known comics names and one of those responsible for rescuing the superhero genre. Sequential narratives are no longer just entertainment, but creations of great impact on popular culture. We cultivate a particular interest in the ethical aspects of comics, given their reach and influence with younger readers. Our analysis purpose to examine three different moments in the stories produced (or recreated) by Lee, highlighting their moral developments. We'll deal with the characters Captain America, Spiderman and Silver Surfer. The discussion will start from Kohlberg's Theory of Moral Development and, for the analysis of the characters, it will be reinforced with an ontological approach to Manichaeism by the Augustinian critique followed added by concepts of Kant's Categorical Imperative and Jonas's Responsibility Principle. As a result, we hope to consolidate the Moral Narrative concept and uphold the potential of comics to fuel debate and analysis under a ethical approach.

Keywords: Narrative. Ethics. Superhero.

1 INTRODUÇÃO

¹ Professor da Licenciatura em Educomunicação do Departamento de Comunicação e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CCA-ECA/USP) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação (PPGCOM) da ECA/USP. Doutor em Ciência da Comunicação pelo PPGCOM-ECA/USP. E-mail: mconsani@usp.br.

² Coordenadora de formação na ONG "Quero na Escola". Mestranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e bolsista do CNPq - Brasil. Licenciada em Educomunicação pela ECA-USP. E-mail: natalia.sierpinski@usp.br.

³ Professor de STEAM-S e de Oficinas de Educomunicação no Colégio Dante Alighieri. Licenciado em Educomunicação pela ECA-USP, E-mail: drickoleonel@gmail.com.

O presente artigo pode ser lido na perspectiva de uma continuidade, se levarmos em conta que os temas aqui contidos — HQs de super-heróis, Narrativa Moral e Educomunicação — são recorrentes na produção individual de seus autores e, também, nas outras ocasiões em que eles se propuseram a expandir os debates alimentados pelo coletivo Educomics, gerenciado de forma um tanto anárquica desde o ano de 2014 no âmbito da Licenciatura em Educomunicação do departamento de Comunicação e Artes da ECA-USP.

Na especificidade deste texto, nos propusemos uma abordagem mais sistemática de alguns tópicos “sensíveis” da Deontologia ou, mais propriamente, da Epistemologia da Moral. Assim os autores se debruçaram sobre algumas criações/recriações protagonizadas pelo quadrinhista Stan Lee, tomando-as como base para exemplificar as diversas formas que o pensamento ético (ou, como preferimos, da Narrativa Moral), ao longo da História. Sem a pretensão de inaugurar um tratado sobre o uso das HQs no ensino da Ética, consideramos essencial expor uma argumentação que possa ser apropriada por educadores e educandos em qualquer contexto de construção de saberes, dentro e fora da Escola.

Como sempre, preferimos uma abordagem de base histórico-dialética, apresentando conceitos-chave analisados na perspectiva de seu significado ideológico e suas potencialidades na práxis da educomunicação.

Na primeira seção de nosso trabalho, introduzimos a importância da Ética como objeto de estudo dos educadores, com base na aproximação que Kohlberg faz da teoria Construtivista Piagetiana. Na segunda seção, incluímos um pequeno resumo da trajetória de Lee, o autor que destacamos. As sessões de número 3, 4 e 5 concentram nossa discussão de narrativas assinadas por Lee e interpretadas à luz dos conceitos-chave do Maniqueísmo, do Imperativo Categórico e da Bioética. As análises que conduzimos recairão sobre histórias emblemáticas do Capitão América, do Homem-Aranha e do Surfista Prateado, respectivamente.

Ao final, alinharemos alguns aportes na forma de breves Considerações Finais.

2 MORAL E QUADRINHOS

No contexto da educomunicação a discussão sobre moral e ética já se faz presente, tendo como disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Educomunicação da Universidade de São Paulo a matéria “Legislação e Ética no Âmbito da Educomunicação”.

O contexto historicamente construído da Educomunicação define, de um lado, a abordagem humanista e crítica que perpassa todo o currículo do curso mencionado e, de outro, o emprego ubíquo e permanente das produções midiáticas como objeto e vetor dos pressupostos deste “novo campo de conhecimento”. Um exemplo desta integração conceito-método pode ser ilustrado, na disciplina CCA0306, pela escolha de determinadas obras audiovisuais como ponto de partida para as discussões necessárias na construção de conhecimentos filosóficos (muitas vezes complexos e abstratos) para fundamentar o posicionamento ético do profissional Educomunicador. (CONSANI, 2015, p.300)

Ao nos voltarmos para a relação inicial entre moral e ética e educomunicação, um conceito importante é a Teoria do Desenvolvimento Moral de Lawrence Kohlberg, que é derivada em diversos âmbitos da Teoria da Epistemologia Genética de Jean Piaget. Em um paralelo entre ambos autores, Piaget classifica seis etapas morais de acordo com a idade do sujeito, tendo desde o primeiro mês de vida até os dozes anos de idade, que variam entre o nível sensório-motor até o nível das operações formais, já Kohlberg estabelece três níveis (pré-convencional, convencional e pós-convencional) que também pode ser classificado em seis etapas morais que não possuem relação direta com a idade do sujeito e sim com sua relação entre as convenções sociais da estrutura em que está situado.

No presente artigo, pensamos a moral e a ética pelo viés da educomunicação a partir das histórias em quadrinhos, assunto pertinente para a práxis do educador tanto pela relação direta com a mídia e a linguagem das HQs, quanto pela compreensão de que as narrativas sequenciais tem grande alcance e influência perante seus leitores, muitos que ainda não estão consolidados em suas convicções morais, independentemente de sua faixa etária.

Na década de 1950, presenciamos a relação entre moral e histórias em quadrinhos ser colocada como algo negativo, principalmente na obra “Sedução dos Inocentes”⁴ do psiquiatra Fredric Wertham. Nela, a apresentação dos quadrinhos colocadas como produções “imorais” resultou posteriormente, em diversas formas de censura estas produções, com destaque para o famigerado Comic Code Authority⁵.

Assim, Wertham conclui que os hqs atuariam de forma decisiva na educação das crianças em direção ao vício e no tráfico de drogas ilegal. Salienta e enfatiza de uma forma geral o processo de imitação e experimentação da infância, e a influência dos hqs por ser hábito e uma constância na vida dos jovens. Para provar a presença massiva dos comics na mente das crianças, Wertham realizou testes Rorschach em sua amostra e constatou que as crianças associavam as imagens a formas e mãos fantásticas e fantasmagóricas presentes nos quadrinhos de terror. Wertham conclui que os efeitos dos quadrinhos de crime nas crianças

⁴ *Seduction of the Innocent: the influence of comic books on today's youth*, no original, publicado nos Estados Unidos em 1954.

⁵ Trata-se de um compilado de prescrições proposto pela Comics Magazine Association of America (CMAA), isto é, a Associação Americana de Revistas em Quadrinhos, na verdade, um pool de editoras.

podem ser resumidos como um desarmamento moral. (SILVA; NEVES, 2009, p. 04/05).

Atualmente contamos com diversos estudos que trazem um contraponto a esta teoria, dos quais destacamos a obra da pesquisadora Carol Tilley, que estudou minuciosamente os documentos e anotações de Wertham e conseguiu desmentir muitas de suas teorias e a forma com que sua pesquisa foi construída.

Dessa maneira, hoje possuímos outra relação inicial ao falarmos sobre ética, moral e histórias em quadrinhos, que não está diretamente vinculada a uma teoria fundamentalista, que vê os quadrinhos como algo doutrinador, mas sim como uma mídia que pode contribuir para trazer conteúdos e suscitar debates sobre moral e ética.

Assim, pensando em exemplos concretos, temos a relação direta entre o surgimento das narrativas de super-heróis e as questões sempre evidentes no chamado do “Campo Moral”, tais como as dicotomias entre Bem vs Mal; Herói vs Vilão; Certo vs Errado; etc. Entendendo a luta pela Justiça, ou melhor, por um conceito específico de Justiça que não pode ser atingido a qualquer custo, citamos o exemplo de muitos super-heróis que não matam seus inimigos, pois tal ação os transformaria em vilões, por este viés da Ética.

Temos ainda, olhando para os “supers”, a construção do herói num papel épico, no qual sua missão vai além dos próprios interesses, por se tratar de uma luta que representa toda uma comunidade, o que também altera a maneira de pensarmos a moral e a ética de seus atos, o que reflete, em algum grau, a retomada das narrativas mitológicas.

Assim, mesmo com super-poderes vemos os super-heróis, quase sempre, imersos em crises existenciais e dilemas éticos, muitas vezes pautados por sacrifícios e escolhas difíceis entre seus interesses individuais e os interesses coletivos, de modo que toda história em quadrinhos, principalmente as narrativas de super-heróis, apresenta algum conceito moral que pode ser trabalhado de forma pedagógica. As histórias em quadrinhos atingem públicos de todas as idades e dos mais diversos contextos sociais, reforçando a importância de nos voltarmos a estudar essa mídia pelo viés da moral e ética.

Trataremos, a seguir, do criador Stan Lee, que inovou ao colocar de maneira assumida os conceitos morais em suas narrativas, indo para além do que já havia sido feito na Era de Ouro dos quadrinhos, trazendo densidade para seus personagens e explorando a natureza moral dos conflitos das histórias, o que marcou muitos quadrinhos e que reverbera até os dias atuais.

3 A TRAJETÓRIA DE STAN LEE E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS QUADRINHOS

Em novembro de 2018 chegou ao fim uma das mais longevas histórias das histórias em quadrinhos.

Tudo teve início quando Stanley Lieber entrou nos escritórios daquela que se tornaria a Marvel Comics enquanto o primeiro gibi do Capitão América estava sendo impresso (HOWE, 2013). O adolescente, que havia acabado de conseguir um emprego graças a um certo nepotismo⁶, se tornaria anos depois o símbolo e rosto da editora que se consagrou com o mais bem sucedido universo compartilhado de super-heróis.

Utilizando o pseudônimo Stan Lee para resguardar o verdadeiro nome para suas futuras, e nunca ocorridas, incursões na literatura, o jovem teve toda sua carreira vinculada à Timely Comics, onde desde os dezessete anos equilibrou as funções de editor e de roteirista. Vinte anos após ter publicado sua primeira história⁷, Lee revolucionou a indústria ao introduzir os personagens que seriam o pontapé inicial do Universo Marvel, o Quarteto Fantástico⁸. “Pela primeira vez na história dos *comic books* os personagens eram retratados como pessoas reais, com direito a recalques, neuroses, problemas de saúde e falta de dinheiro” (GUEDES, 2012, p. 61). Já nesse primeiro momento, ao tratar dos poderes de Ben Grimm, o Coisa, mais como uma maldição que como bênção e de inserir um triângulo amoroso entre Reed Richards, Sue Storm e Namor⁹ (GUEDES, 2012), Lee trabalha com os dramas e conflitos morais tipicamente humanos.

Com o sucesso estrondoso do Quarteto, não demorou nem um ano para o próximo grande personagem ganhar sua própria revistinha, com inspirações clara do clássico da literatura O Médico e o Monstro, em 1962 o Incrível Hulk tomava forma como o monstruoso alter ego do cientista Bruce Banner. Entendendo que o público buscava em seus heróis dramas que poderiam ser vividos por eles próprios, Lee continuou sua parceria com Jack Kirby e além do Quarteto e do Hulk surgiram em poucos anos Thor, Homem-Formiga, Homem de Ferro, X-Men e Os Vingadores. Junto com o desenhista Steve Ditko, Lee criou o mago supremo Doutor Estranho e aquele que talvez seja o mais importante herói da Marvel: o Homem-Aranha. Criados tendo como pano de fundo a cidade de Nova York, todos os heróis travavam batalhas não apenas com vilões tão cheios de personalidade quanto eles mas, também, com questões tipicamente humanas, como a vaidade, a frustração, a teimosia e alguns boletos no fim do mês.

⁶ O garoto era sobrinho de Robbie Solomon, gerente de circulação da Timely Comics, e primo distante de Jean Goodman, esposa do dono da editora. (HOWE, 2013 e GUEDES, 2012).

⁷ Intitulada “Capitão América Frustra a Vingança do Traidor, publicada em 1941 na revista *Captain America Comics* #3 (GUEDES, 2012)

⁸ Constituído por Ben Grimm, o Coisa; Reed Richards, o Senhor Fantástico; Sue Storm, a Garota Invisível e Johnny Storm, o Tocha Humana.

⁹ Personagem criado por Bill Everett e publicado inicialmente pela Timely Comics.

Lee faleceu no dia 12 de novembro de 2018, aos noventa e cinco anos, em decorrência de paradas cardíacas e respiratórias.

4 CAPITÃO AMÉRICA: ORIGENS, RENASCIMENTO E UMA MORAL BINÁRIA

Quando falamos de uma moral binária, nosso primeiro conceito-chave, não podemos deixar de nos referir ao Maniqueísmo, doutrina muito influente nos primórdios da religião cristã. Santo Agostinho em parte de suas Confissões, dedica-se a desconstruir a ideia maniqueísta de que o bem e o mal tratam-se de forças opostas em embate eterno que ao se encontrarem se anulam, pois para chegarmos a essa conclusão faz-se necessário aceitar de que o mal possui tanta força quanto o bem.

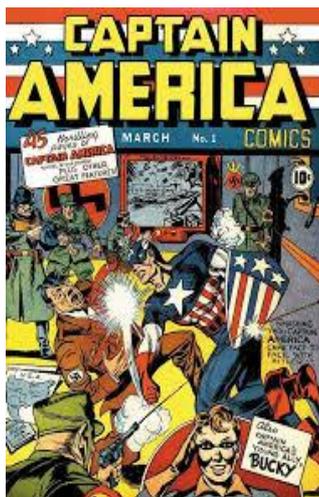
A forma com que Agostinho resolve essa questão é assumindo que não há mal, o que temos é apenas a ausência do bem, o que leva à imperfeição.

De fato, a corrupção é nociva, e, se não diminuísse o bem, não seria nociva. Portanto, ou a corrupção nada prejudica - o que não é aceitável - ou todas as coisas que se corrompem são privadas de algum bem. Isto não admite dúvida. Se, porém, fossem provadas de todo o bem, deixariam inteiramente de existir. Se existissem e já não pudessem ser alteradas, seriam melhores porque permaneciam incorruptíveis. Que maior monstruosidade do que afirmar que as coisas se tornariam melhores com perder todo o bem? Por isso, se são privadas de todo o bem, deixarão de totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas. [...] (AGOSTINHO, 1999, p. 187).

Se por um lado temos o mal como ausência do bem, por outro temos a visão de que no final tudo é bem, visto que a corrupção se dá apenas em pequenas partes e que no todo o que resta é harmonia de todas as coisas criadas por Deus, e Ele criaria apenas coisas boas.

No mundo dos quadrinhos, o Capitão América, criado por Joe Simon e por Jack Kirby, foi entendido desde o início como um personagem com grande potencial de sucesso. Pensado inicialmente com o nome de “Super Americano”, o herói rendeu um acordo diferenciado, com os autores ganhando 25% dos *royalties* e uma vaga de editor para Simon na *Timely Comics* (Howe, 2013). Criado durante a escalada da II Guerra, o herói transformou-se em um símbolo do ufanismo americano e, logo em sua primeira capa, aparece aparece esmurrando Adolf Hitler (fig.1). Àquela altura os EUA sequer haviam se juntado aos Aliados.

Figura 1 - Capa de *Captain America Comics #1*, de 1941



Fonte: Disponível em: [http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/captain-america-comics-\(1941\)-n-1/1865/20846](http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/captain-america-comics-(1941)-n-1/1865/20846). Acesso em 16 set 2019.

Como esperado, o personagem fez muito sucesso enquanto o conflito se desenrolava no front, com o final da guerra porém, o título acabou entrando em declínio, até em certo ponto se tornar “uma série de humor bizarro na qual não se via o capitão em si” (HOWE, 2013, p.36). O título saiu de publicação em 1950, com pequeno espasmo em 1953.

O personagem ficou adormecido por dez anos, quando em 1963 retorna em uma história no gibi *Avengers #4*, ainda com características dignas de admiração (HOWE, 2013). A partir do ano seguinte o herói mantém aparições constantes em *Tales of Suspense* que também continha histórias do Homem de Ferro. A estréia na nova revista se deu no número 59, com roteiro de Lee e desenhos de Kirby, intitulada simplesmente "Capitão América".

Figuras 2 - Capa de *Tales of Suspense #59* de 1964 e da história protagonizada pelo Capitão América.



Fonte: Disponível em: <https://www.ebay.com/p/Tales-of-Suspense-59-Nov-1964-Marvel/85446818?iid=223656203881>. Acesso em 16 set 2019.

A história tem como pano de fundo uma noite de vigília na mansão dos Vingadores, em que o herói foi o escalado. Tendo como inspiração os próprios Vingadores, um grupo de bandidos decide formar uma equipe, com direito à armadura aos moldes do Homem de Ferro, para assaltar a mansão quando o responsável pelo plantão fosse o herói que "[...] não passa de um acrobata metido a besta" (LEE e KIRBY, 2008, p. 10)¹⁰. A história se desdobra com o Capitão frustrando o plano dos assaltantes em sequências cheias de ação. Logo nas primeiras páginas vemos traços claros da escrita de Lee no personagem, com o Capitão lembrando seus tempos de guerra e sofrendo em razão da morte de Bucky, seu companheiro mirim. Durante toda a história há tentativas de humanizar o personagem, com ele sendo atingido por um tiro, sendo capturado, chamando a polícia ao final e se dizendo fisicamente cansado, apenas para logo em seguida mostrar o quão impressionante o herói pode ser, a bala apenas o atrasa, ele escapa de seus captores na mesma página em que foi preso, se mostra humilde, grato e sagaz em diversos momentos da história e logo no início do confronto vemos os bandidos que se referiram ao herói como um mero "acrobata" exclamarem que "Ele parece um torpedo humano" (LEE e Kirby, 2008, p. 11).

O Capitão América foi feito para ser grande, para ser inspirador e ele é incorruptivelmente bom. O personagem é uma alegoria preparada para exemplificar o bem explícito na moral binária. Onde o Capitão se encontra não há lugar para as trevas, para o mal. Mesmo décadas adiante da história analisada, o herói ainda é utilizado como bastião da retidão moral para os heróis da Marvel e mesmo quando abandona o traje e o escudo¹¹ o faz para se manter como a força do bem em oposição ao mal.

5 ESCLARECENDO O HOMEM-ARANHA

O segundo conceito-chave referente a ética e moral neste artigo é o conceito de Imperativo Categórico de Kant. Este autor traz a moral indissociável da noção de autonomia e livre arbítrio do indivíduo, apontando que, apenas o ser racional pode ser sujeito a lei moral (KANT, 2018). “No que diz respeito à prática, trata-se da escolha livre dos seres racionais, que podem se submeter ou não à lei moral, que por sua vez é fruto da razão pura em seu sentido prático; portanto, age moralmente aquele que é capaz de se autodeterminar.” (MARCONDES, 2007, p. 93).

¹⁰ História originalmente publicada em Novembro de 1964.

¹¹ Como quando assume a alcunha de Nômade.

Assim, visando a escolha do indivíduo, usar alguém contra sua própria vontade, independente dos resultados, é colocado como um ato imoral. O filósofo também aponta que para uma lei ser moralmente válida ela não deve apresentar exceções.

Dentro dessa visão que temos o conceito de Imperativo Categórico, que seria a lei moral máxima e universal, que possui um fim em si mesma e que compactua decisões morais guiadas pela racionalidade e não pelas possíveis consequências ou punições que tais atos podem trazer. “Temos aqui uma discussão sobre este conceito no que diz respeito à autonomia do indivíduo no exercício de maturidade do sujeito. É apenas nestes termos que se pode caracterizar a liberdade.” (MARCONDES, 2007, p. 95).

Para atingir com plenitude o Imperativo Categórico, Kant aponta a necessidade do esclarecimento, em que temos uma transição de uma condição de imaturidade moral, em que as escolhas feitas dependem do aval de terceiros, sejam eles pessoas físicas ou órgãos públicos, para uma condição de maturidade moral, em que o indivíduo faz as suas escolhas de maneira independente e autônoma (KANT, 2018).

Kant também salienta a dificuldade que é chegar na condição de maturidade moral, em que o comodismo e a preguiça são obstáculos para o esclarecimento, ao mesmo tempo em que é naturalizado na sociedade a menoridade moral, em que outras pessoas e órgãos irão ditar as escolhas que devem ser feitas e os melhores caminhos para os indivíduos, sem a pessoa precisar refletir a fundo sobre essas ações.

Trazendo estes conceitos para o universo das histórias em quadrinhos, elencamos a obra “The Amazing Spider-Man #50”, publicada pela primeira vez em julho de 1967, com roteiro de Stan Lee e arte de Johnny Romita. Além de ser uma das primeiras histórias do jovem herói, esse arco se destaca por ser a primeira aparição do Rei do Crime.

Começamos a narrativa com a vida de Peter Parker desequilibrada, com um desempenho ruim nos estudos, sem tempo para vida social e namoro e com sua tia May enferma e precisando de seu tempo e atenção, que são escassos devido a suas responsabilidades como super-herói. Neste contexto, Peter abandona o uniforme e se dedica a esses aspectos de sua vida.

Em sequência temos seus estudos encaminhados e bem-sucedidos, Peter com tempo para cuidar de tia May e ela já estando em boa recuperação da saúde e ainda tendo tempo para vida social e namoro, em que se dedica a sair com Gwen. Nesse meio tempo temos o surgimento do vilão Rei do Crime (*Kingpin*), que aproveita a ausência do herói para tomar as ruas e ganhar poder. Pouco depois de ouvir um chamado da polícia no rádio, ignorar e voltar aos estudos, Peter se depara pessoalmente com um homem em perigo e não consegue negligenciar ajuda. Logo depois de salvar o referido homem, ele se recorda de seu tio Ben e o motivo pelo qual escolheu se tornar o Homem-Aranha,

retomando o seu uniforme que estava no Jornal e indo decidido atrás do Rei do Crime para impedi-lo de continuar realizando atrocidades.

Figura 3 - Homem-Aranha e seus conflitos morais em The Amazing Spider-Man #50, 1967.



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/365917538453386111/>. Acesso em 16 set 2019.

Assim, temos de maneira prática o conceito de moralidade de Kant, em que primeiro temos a valorização da autonomia e liberdade de escolha do sujeito, em que Peter pode escolher deixar de ser o Homem-aranha da mesma maneira que pode escolher vestir o manto.

O mais importante da narrativa porém, é vermos a máxima do herói: “Com grandes poderes vem grandes responsabilidades” como sendo seu Imperativo Categórico, e tendo que passar pelo processo de esclarecimento para ter a maturidade moral para então voltar a usar o uniforme do Homem-Aranha.

6 SURFISTA PRATEADO: BRINCANDO DE DEUS

O terceiro conceito-chave que exploramos no presente artigo é o Princípio Responsabilidade, abordagem proposta pelo filósofo Hans Jonas (2006)¹² como o corolário de suas reflexões iniciadas no longínquo entre-guerras do século XX. Numa perspectiva um pouco simplista, poderíamos dizer

¹² Nascido em 1903 na Alemanha e falecido em 1993 nos EUA. Foi discípulo de Heidegger, com o qual rompeu definitivamente quando este aderiu ao Nazismo.

que Jonas reconstrói a Deontologia à partir da insuficiência da Moral Kantiana, evidenciada na constatação de que seus pressupostos gerais se revelaram idealismos difíceis de serem concretizados, ou mesmo generalizados fora de um contexto ocidental e eurocêntrico. Mesmo na Europa, berço da Democracia e do Iluminismo, o Imperativo Categórico não deu conta conciliar os conflitos de classe e evitar que os nacionalismos se digladiassem numa carnificina sangrenta.

Do ponto de vista de Jonas, pensar na abrangência “universal” de uma Ética, buscando suas origens num passado idílico ou projetando-a hegemonicamente a partir de um centro irradiador para o resto do mundo; não garante a mais simples e premente de nossas necessidades: a sobrevivência da Humanidade enquanto espécie. Assim, a preocupação com as gerações futuras, isto é, com a nossa descendência, torna-se a maior razão para não correremos o risco (por menor que seja) de provocar catástrofes ambientais ou sociais, de modo que a escolha moral se desconecta decisivamente de nossos interesses pessoais e imediatos em prol de uma lógica humanista em seu sentido mais amplo.

A dimensão “universal”, em termos de espaço e tempo, que é inerente ao pensamento de Jonas (e bem mais ampla que a de Kant), dialoga com a instância dos Super-Heróis “cósmicos” do Universo Marvel, dentre os quais o Surfista Prateado pode ser considerado como um exemplo emblemático.

Dado que o Homem-Aranha se apresenta como o “Amigo da Vizinhança”, e o Sentinela da Liberdade adota o nome de seu país natal como elemento identitário definidor, cabe apontar que o Surfista assume um nível de jurisdição galáctica.

Num breve recordatório, lembramos que o alienígena Norrin Radd, para salvar seu mundo (e sua amada Shalla Bal), aceita ser o arauto de Galactus, uma entidade cósmica semidivina que se alimenta da energia de núcleos planetários. Em troca de seu sacrifício, Radd ganha uma fração dos poderes de Galactus, na forma de uma prancha superveloz, uma aura de invulnerabilidade (sua cobertura prateada) e capacidade de disparar rajadas de energia. O papel do arauto é mapear o universo localizando planetas que possam mitigar o apetite inesgotável de Galactus. O senso Moral do Surfista faz com que ele indique ao seu mestre planetas desabitados para serem devorados evitando o morticínio de inocentes. O ponto de virada nesta narrativa surge quando Galactus se interessa pela Terra, cujos habitantes, representados pelo Quarteto Fantástico decidem reagir. Na batalha em que se disputa a sobrevivência de nosso planeta, o Surfista muda de lado, tomando partido dos humanos e, ato-contínuo, sendo penalizado com a “Barreira de Galactus”, um obstáculo intransponível para que ele acesse o espaço sideral.

Assim, por força de suas restritas escolhas, o Surfista Prateado vincula seu destino ao de nosso planeta, sacrificando sua liberdade para defender um mundo que não o compreende. Neste ponto da história, inserimos a obra Parábola, de Lee/Giraud.

Figura 4 - Capa e páginas internas da edição brasileira de *Parábola* de Lee/Giraud



Fonte: LEE, Stan e GIRAUD, Jean H. G. *Surfista Prateado: Parábola*. Barueri, Panini Comics, 2013, capa, pgs. 19 e 54 (scans).

Dentro do vasto universo de autores de quadrinhos, a parceria entre Lee — identificado com o empreendedorismo comercial que projetou a Marvel, uma das duas *majors* estadunidenses — e Giraud — reconhecido como um dos mais criativos e delirantes artífices europeus da Nona Arte, nos parece hoje, no mínimo, improvável.

Segundo relatam os autores, a aproximação entre os dois teria sido feita por um agente editorial da Marvel durante uma convenção de quadrinhos, como conta no material extra incluído na edição brasileira de *Parábola* (LEE e GIRAUD, 2013). As narrativas distintas incluídas neste material, de fato, contrastam quanto às expectativas de cada um dos artistas, embora ambos demonstrem um enorme respeito mútuo.

De qualquer forma, à parte a estranheza de seu hibridismo, o resultado daquela parceria única e irrepetida, pode ser definido como marcante e significativo para todos os estudiosos dos comics e, como defendemos, para aqueles que se interessam pela Deontologia e suas discussões.

O plot de Parábola, é relativamente simples e linear: a imensa nave de Galactus pousa na Terra, semeando terror no planeta. O Supervilão prometera, no passado, poupar a humanidade, então, ao invés de destruí-la de imediato, ele se anuncia como o deus de uma nova religião, baseada no exercício desenfreado dos desejos individuais e na legitimidade da lei do mais forte. Em pouco tempo, surge um falso profeta para se beneficiar na anarquia semeada por Galactus e defender a nova (des)ordem mundial. Entrementes, despercebido entre os seres humanos, o Surfista percebe que o estratagema de Galactus é estimular a humanidade a se auto-destruir e, assim, deixar a Terra livre para ser devorada sem obrigar Galactus a violar sua promessa.

O Surfista, mesmo em flagrante desvantagem, desafia o gigante alienígena e, na batalha que se segue, fica claro que o este último não tem nenhum apreço pelo gênero humano, o que muda a opinião dos homens sobre quem é realmente digno de devoção. Frustrado em seu estratagema, ele abandona a batalha, prometendo voltar no futuro, já que “ele é imortal e o destino da humanidade é, ao final, destruir-se de qualquer forma”. Numa cena final, o Surfista é saudado como um novo Deus, então, resolve declarar-se um déspota para que esta mesma humanidade o rejeite, reconhecendo que ninguém merece ser colocado num altar e declarado “O Salvador”. Embora ele consiga alcançar seu objetivo, o final da narrativa é melancólico, com o Surfista perpetuando sua condição de pária e guardião de uma espécie ingrata que ainda engatinha na trilha do desenvolvimento da consciência.

Numa breve análise, podemos entender o Surfista como um herói complexo, diferente dos protótipos bidimensionais que pululam no Universo Marvel. Atormentado por desejos nunca satisfeitos, a origem de seu poder vem, não como dádiva, mas como um fardo decorrente da renúncia que ele teve que fazer por seu planeta, sacrificando sua condição “humana”.

Aliás, “Renúncia” é uma palavra que define bem a condição do herói, visto que ele renuncia à proteção de um ser poderosíssimo — embora ímpio — e se declara responsável pela proteção de uma humanidade volúvel e ingrata. A questão permanente nas histórias desse herói é, justamente, a condição humana, caracterizada pela contradição e fraqueza, de modo que poderíamos perguntar: vale a pena renunciar ao poder supremo para cuidar de uma espécie que não se respeita?

Nessa problemática, ecoa, acima de tudo, o Princípio Responsabilidade e o Surfista, dotado de uma vasta consciência, responde como faria Jonas: Sim! Vale a pena acreditar no Homem, se não na forma como ele se apresenta em seus piores momentos, com certeza, naquilo que ele pode vir a ser, se tiver a possibilidade de sobreviver como espécie.

Encerramos com breves considerações, fazendo um apanhado sintético de nossas discussões.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo e ao cabo de nossa breve explanação, acreditamos ter demarcado algumas provocações interessantes e que seria pertinente destacar, ao menos, três aspectos.

- (1) Histórias em Quadrinhos podem ser lidas, sempre, como Narrativas Morais, e este princípio se aplica, ainda mais, quando tratamos do subgênero “Super-heróico”, quase sempre permeado por conflitos intensos e escolhas nem sempre óbvias.
- (2) Stan Lee, ícone das HQs do gênero heróico, entrou para a história como um criador inspirado e que, seja por um viés intuitivo ou pleno de intencionalidade (para ter certeza, teríamos que investigar seus aportes autobiográficos) nunca deixou de encarar — em alguns casos, exacerbar — as questões éticas que suas narrativas suscitam;
- (3) do ponto de vista dos Educadores, a Narrativa Moral presente nos quadrinhos possui todos os elementos para se caracterizar como uma estratégia privilegiada para tratar dos conceitos relativos à Ética e Moral nos contextos educativos.

Mais do que nunca, consideramos importante e necessário que a pesquisa acadêmica se dedique³² este objeto de estudo e que seus aportes sejam difundidos junto aos contextos de formação de educadores.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1999.

BIAGGIO, A. M. B. **Lawrence Kohlberg: ética e educação moral**. São Paulo, Moderna, 2002.

CONSANI, Marciel A. A Narrativa Moral, Piaget e as Moscas: educadores discutem sobre crianças e ética na adaptação cinematográfica de “O Senhor das Moscas” de William Golding. In Lago, Cláudia; Viana, Claudemir E. (org.) **Educomunicação: caminhos da Sociedade Midiática pelos Direitos Humanos**. São Paulo, ABPEducom/NCE-USP/Universidade Anhembi-Morumbi, 2015 (pg.298-306).

GUEDES, Roberto. Stan Lee: **O Reinventor dos Super-Heróis**. São Paulo, Kalaco, 2012

HOWE, Sean. Marvel Comics: **A História Secreta**. São Paulo, LeYa, 2013

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma Ética para a civilização tecnológica**. RJ: Contraponto / PUC-RIO, 2006.

KANT, I. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo, La Fonte, 2018.

_____. **Os fundamentos da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007.

LEE, Stan e GIRAUD, Jean H. G. **Surfista Prateado**: Parábola. Barueri, Panini Comics, 2013.

LEE, Stan; KIRBY, Jack. **Biblioteca Marvel Apresenta**: Capitão América. Barueri, Panini Comics, 2008

LEE, Stan; ROMITA, Johnny. **The Amazing Spider-Man #50**. Marvel Comics, 1967.

SILVA, F., NEVES, C. Reflexos de Seduction of the Innocent nos quadrinhos. In: **Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial**. Rio de Janeiro: LIHED, 2009.

Submetido em: 13/10/2019. Aprovado em: 02/04/2020.